

Enseñar, formarse, teorizar

Mariana Cardozo¹

“DESESTABILIZANDO” A AULA DE HISTÓRIA: EDUCAR-SE NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

RESUMO

Neste texto busco analisar minha prática docente, refletindo sobre os impactos da atuação de uma professora branca que busca realizar uma experiência de educação antirracista na aula de História contando com o apoio da Literatura. Para isso busquei conhecer mais a respeito do movimento negro e de autoras negras para entender melhor as relações étnico-raciais. Nesse sentido, a influência do pensamento de Nilma Lino Gomes desencadeou a busca por uma nova prática de ensino das relações étnico-raciais promovendo conscientização e reflexão no ambiente escolar sobre o tema. Nilma Lino Gomes inspirou uma visão crítica sobre o racismo a partir de uma perspectiva da comunidade negra e do movimento negro que instiga o surgimento de uma nova teoria e prática para tratar da questão. O tema de estudo foi a abordagem das relações étnico-raciais na sociedade sob a perspectiva dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, dentro de uma escola estadual do sul da Ilha de Santa Catarina.

UM COMEÇO...

“História para mim é uma coisa que as pessoas contam e dizem que terminou.

Dão um ponto final. Só que não é bem assim, porque a História nunca acaba... vai crescendo, vai crescendo. Tipo a História do racismo, eles dizem que acabou o racismo, eles contam uma história que acabou, só que não acabou, porque ainda existe muito racismo. Para mim é muito difícil de lidar, já foi mais difícil, porque eu cresci na favela, onde eu sofria muito racismo pela minha cor, pelo meu cabelo, por ser quem eu sou. Algumas pessoas têm muito medo de encarar isso e acabam deixando as pessoas falarem delas. Só que isso afetou muito em mim quando eu era menor, eu ouvia calada isso.

Mas agora com essa idade que eu estou, eu já percebi que eu não preciso mais ficar calada para o racismo. Que eu posso falar, eu posso abrir a minha boca e dizer o que eu penso e quem eu sou e ter orgulho da minha cor, da minha raça. A minha raça e a minha cor é uma coisa que eu vou levar para a vida e eu nunca vou deixar ninguém falar dela.”

(Alice², estudante de 15 anos do 9º ano do Ensino Fundamental).

¹ Mestranda em Ensino de História (PROF-HISTÓRIA) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

² Os nomes dos estudantes foram preservados e são indicados aqui em forma de pseudônimos.

Enseñar, formarse, teorizar

A fala da minha estudante surgiu durante a primeira atividade de um conjunto de situações de ensino que haviam sido estruturadas para desenvolver o caminho metodológico da minha pesquisa do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Santa Catarina. O objetivo da pesquisa é primeiramente problematizar as relações étnico-raciais na sociedade brasileira e os seus desdobramentos na vida dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Educação Básica Porto do Rio Tavares, localizada no sul da ilha de Santa Catarina. Pretende-se, na aula de História, alcançar esses objetivos a partir do diálogo com a Literatura e a História. Essa escola não conta com Ensino Médio, então as turmas de nono ano representam “os mais velhos” da escola. A turma é bem heterogênea, com estudantes de diferentes estados brasileiros, entre 14 e 16 anos, os quais, em sua maioria, não têm o hábito da leitura. A turma conta com três estudantes autoidentificados como alunos negros e dois estudantes autoidentificados como alunos pardos, 21 estudantes autoidentificados como brancos e dois que não se autodeclararam na matrícula escolar. A fala espontânea e significativa da minha aluna marcou o início de um trabalho e me levou a um exercício de memória da minha vida escolar e ao entrar em contato com as palavras da intelectual Nilma Lino Gomes fui replanejando e reorganizando a minha abordagem em sala de aula.

O objetivo deste trabalho apresentado para a *Segunda Jornada Enseñar, Formarse y Teorizar* é analisar a minha prática docente, refletindo sobre os impactos da atuação enquanto professora branca que busca realizar uma experiência de educação antirracista na aula de História, contando com o apoio da Literatura. O título deste trabalho surgiu a partir de uma indagação levantada por Nilma Lino Gomes, a qual questiona se os saberes produzidos na comunidade negra possibilitam o espantamento e a indignação necessários para que seja sustentada não apenas uma nova teoria, mas também uma prática, ambas caracterizadas pela autora como “inconformistas, desestabilizadoras e rebeldes” (GOMES, 2017, p. 119)

Quero aprofundar essas palavras da Nilma Lino Gomes contando uma pequena parte da minha história: nasci no Rio de Janeiro, que é uma cidade predominantemente negra. Cresci em um bairro de classe média branca, frequentei uma escola particular a qual era formada quase que exclusivamente por brancos, todo o meu entorno, tanto na fase infantil quanto na adolescência, foi marcado pela cultura branca, e a temática do racismo

Enseñar, formarse, teorizar

jamais havia sido levantada em sala de aula como uma problemática da sociedade brasileira. Já na fase adulta, quando trabalhei com educação informal em uma comunidade na área rural de Teresópolis, região serrana do Rio, onde residi por dois anos e meio, a questão racial se impôs com muita ênfase. Quase todas as crianças e jovens que residem nessa comunidade são negras e lá ingressaram por meio de uma ação judicial, seja pelo fato de terem vivido situações de abandono, seja por terem sofrido algum tipo de trauma social. A maioria delas era proveniente de favelas dos arredores da cidade, com pouca ou nenhuma experiência escolar. Diariamente vivenciávamos situações e conflitos em que a questão racial se fazia presente, seja nas oficinas ao ar livre, seja em espaços de estudo. A questão racial estava sempre nas conversas entre as crianças, nas atividades propostas, nos textos lidos, nos filmes assistidos.

Esta experiência modificou o meu jeito de compreender a história da sociedade brasileira, seus conflitos presentes e a exclusão de uma parte da população importante em nosso país. Repensando a minha história escolar, em especial as aulas de história, surgiu uma inquietação: como é possível que, em nenhum momento do meu Ensino Fundamental e Médio, a questão do racismo tenha sido abordada?

Retomando as palavras da Nilma Lino Gomes, percebi a necessidade de uma nova prática, esta sendo inconformista e rebelde em relação aos privilégios na sociedade brasileira, a fim de trabalhar as relações étnico-raciais de forma consciente e reflexiva no espaço escolar (GOMES, 2017, p.119).

Para tanto, no início deste ano de 2020, trabalhei com a proposta de “desestabilizar” a sala de aula de História para repensá-la como objeto de investigação, trazendo a temática das relações étnico-raciais a partir da literatura, utilizando a obra *O Caminho de Casa*, de Yaa Gyasi³. A narrativa literária da jovem escritora Yaa Gyasi me tocou profundamente pela forma como ela dimensiona a diáspora africana na complexidade do processo, nos confrontando com 250 anos de história de forma muito envolvente e sensível. Nesse sentido ao utilizar a obra literária em sala de aula busquei observar os seguintes questionamentos: quais movimentos ocorreram nos meus alunos e em mim ao trabalhar as “imagens e subjetividades desestabilizadoras” (GOMES, 2017, p.129) que Yaa Gyasi traz em sua narrativa? As propostas didáticas conseguiram desnaturalizar olhares para nossas relações étnico-raciais?

³ GYASI, Yaa. *O Caminho de Casa*. Tradução de Waldéa Barcellos. 1. ed. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 2017.

Enseñar, formarse, teorizar

Apresento e analiso o caminho metodológico percorrido, o qual busca ampliar o debate sobre o racismo estrutural a partir de textos literários, processos históricos relacionados às demandas do presente e os conteúdos de História. Essa triangulação pode ajudar a repensar o lugar de cada um na sociedade.

Primeiro me ocuparei de apresentar a dinâmica desenvolvida como forma de mobilizar os estudantes para que eles descrevessem com suas palavras o que seria História e como percebiam o racismo na nossa sociedade. O processo e o resultado da dinâmica permitiu-me fazer comparações sobre a concepção da História de autores como Cerri, Seffner, Rüsen.

Logo, na segunda parte, usando como parâmetro os ensinamentos de Nilma Lino Gomes e de outros intelectuais do pensamento afrodiaspórico no Brasil apresentarei reflexões que desencadearam a necessidade de replanejar e reorganizar a abordagem em sala de aula. Indo para um contexto mais atual, são abordados fatos recentes envolvendo o assassinato de jovens negros no Brasil e nos Estados Unidos para mostrar que a questão do racismo continua latente. Nesta etapa busquei refletir sobre que implicações os brancos têm na atualização e manutenção do racismo. E me questionei em como abordá-lo nomeando o opressor, explicitando o privilégio e pensando o racismo na relação entre brancos e negros.

Ao fim, para continuar pensando, irei apresentar a ideia de que educação das relações étnico-raciais envolve compreender que a escola é um espaço de sociabilidades, encontros e desencontros. Que é na relação e na convivência que nos educamos, nos transformamos e temos a possibilidade de superar as injustiças raciais, em termos históricos, para que se tenha uma sociedade mais igualitária.

BUSCAR CAMINHOS com OS ESTUDANTES

O ponto de partida para esta reflexão são as falas dos alunos, as quais foram estimuladas com o intuito de mobilizar os conhecimentos prévios dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental acerca da História e de transformar a sala de aula em um lugar de escuta. Na primeira atividade, realizada em dupla, foram feitas as seguintes perguntas: O que é História para você? A História tem alguma influência na sua vida ou na vida das pessoas? Na sequência foi solicitado que um estudante gravasse o depoimento de um colega de turma em relação às respostas para essas duas perguntas.

Enseñar, formarse, teorizar

Destaco a fala da estudante Alice, transcrita no começo deste texto, pois nela fica evidenciado o processo de conscientização percorrido e as suas reflexões sobre o presente. Seu depoimento foi muito significativo e, naquele início de proposta de trabalho, indicou que eu estava no caminho certo. A estudante começou trazendo uma perspectiva da História como um processo: *“História para mim é uma coisa que as pessoas contam e dizem que terminou. Dão um ponto final. Só que não é bem assim, porque a História nunca acaba...”*. A atividade proposta, que abriu espaço para as afirmações iniciais de Alice, vai ao encontro do que propõe Seffner (2019), tendo em vista que o autor afirma que é importante que, em cada aula de História, o professor acrescente elementos que possibilitem que os estudantes percebam-se como sujeitos da História. Dessa maneira, eles poderão qualificar-se para também serem sujeitos, assumindo, assim, não apenas sua própria realização histórica, mas também a das estruturas que estão postas ao redor (SEFFNER, 2019, p. 24).

Alice segue:

[...] Para mim é muito difícil de lidar, já foi mais difícil, porque eu cresci na favela, onde eu sofria muito racismo pela minha cor, pelo meu cabelo, por ser quem eu sou. Isso afetou muito em mim quando eu era menor, eu ouvia calada isso. Mas agora com essa idade que eu estou, eu já percebi que eu não preciso mais ficar calada para o racismo. Que eu posso falar, eu posso abrir a minha boca e dizer o que eu penso e quem eu sou e ter orgulho da minha cor, da minha raça. A minha raça e a minha cor é uma coisa que eu vou levar para a vida e eu nunca vou deixar ninguém falar dela

Nesse trecho percebi que, em um primeiro momento, Alice assume os pontos de vista dos brancos e, quando se torna adolescente, ela começa a se questionar, e o racismo transforma-se em uma questão e não apenas em um fato social presente. Então, a partir do momento em que isso se modifica, sendo agora uma questão, que tem a ver com ela enquanto sujeito, ela toma decisões diferentes e coloca: *“eu gosto da minha cor, eu gosto do meu cabelo, eu gosto de ser quem eu sou.”* Ela demonstra, no seu processo de amadurecimento, o percurso que uma criança passa em relação ao racismo e como, com apoio, consegue na adolescência refletir sobre esse assunto e tomar decisões importantes para sua vida inteira.

Além do depoimento da Alice, foi produzido pelos estudantes um conjunto de áudios com a resposta de cada um para os mesmos questionamentos. Na análise dos elementos que perpassaram as falas gravadas pelos estudantes, formatadas em *podcast*, de forma

Enseñar, formarse, teorizar

geral, identifiquei o foco no indivíduo e as compreensões de si enquanto sujeitos históricos que fazem parte de um processo contínuo. Nos depoimentos, eles colocam-se no meio da História e entendem que aquilo que a História conta tem relação com a sua identidade de sujeito.

As falas dos estudantes me ajudam a pensar sobre os estudos de Luis Fernando Cerri (2001) que, ao analisar o conceito de consciência histórica e os desafios da didática de História, traz contribuições do autor Rüsen para a reflexão acerca deste conceito. De acordo com o campo da educação histórica, todo ser humano tem consciência histórica em algum nível. A interpretação das lembranças e o ato de atribuir significado à experiência humana no tempo, a partir de uma narrativa, constitui a consciência histórica. Nesse sentido a consciência histórica expressa-se mediante a narrativa constitutiva da identidade. Para Rüsen, consciência histórica é a operação mental de interpretação (atribuir significado) e orientação (constituição de sentido) das experiências do ser humano no fluxo do tempo: experiência do passado, interpretação do presente e orientação do futuro.

Nesta perspectiva, a estudante Eduarda ao conceituar a História utilizou as seguintes palavras: acontecimentos, situações e pessoas. Estas mesmas palavras podem ser lidas respectivamente como fatos, contextos e sujeitos históricos, todos elementos que marcam o passado, entendendo a História como algo fundamental para conhecer a nossa ancestralidade e nossos laços familiares, e seu papel como instrumento fundamental da sua estruturação identitária.

Num outro depoimento, a estudante Ana aprofunda as percepções de Eduarda, pois ela traz elementos morais para a reflexão. Ela diz “[...] *ela (a História) pode influenciar de uma boa maneira ou não, isso parte das nossas atitudes.*” A partir desse depoimento, poderíamos entender o espaço escolar como um lugar onde narrativas históricas de sujeitos de outros tempos e de outros lugares podem ser reelaboradas de forma positiva e podem construir uma sociedade mais inclusiva.

Joan Pagès (2015), ao enfatizar a necessidade de uma formação crítica da juventude, destaca o papel da escola, e, em especial, o ensino de História pautado nas questões da atualidade para a construção de uma sociedade democrática. Para o autor, a escola deve tornar-se um espaço social e organizacional que possibilite aos estudantes aprendizados e vivências em democracia, assim como a iniciação na complexa vida política. Dessa forma, eles poderão aprender sobre isso, sendo capazes de também intervir conscientemente “na construção de uma sociedade cada vez mais democrática, plural, tolerante,

Enseñar, formarse, teorizar

dialógica, justa e solidária” (PAGES, 2014, p. 14).

Os outros depoimentos não se diferem muito significativamente dessas percepções apontadas acima. Vale ainda destacar que um dos alunos incluiu o futuro em sua tentativa de conceituar História, e que o último depoimento da estudante Rafaela traz a ideia do conhecimento de si enquanto construção histórica. Diz ela: *“Se você não conhece as suas culturas, as suas raízes, o que você conhece da vida? Então, para mim, a História é tudo que existe e tudo que vai existir”*.

Escutar os estudantes me ajudou a pensar que a maioria das falas não foram traduzidas para a realidade social, diferentemente da fala da primeira estudante Alice, que entendeu o potencial revolucionário da História. Isso me fez refletir sobre a dificuldade de realmente escutar o que o aluno quer dizer. Como eles trazem frases já elaboradas, é difícil identificar o que eles realmente têm interiorizado tanto em termos de aprendizagem quanto de conhecimento teórico histórico.

A partir disso planejei problematizar o racismo no Brasil e motivar os alunos a pensarem sobre o passado da escravidão e sobre o passado que não foi superado e permanece no presente por meio da opressão, da desigualdade e do racismo, acreditando que esse movimento promove uma educação antirracista. Ao mesmo tempo ficava sem saber como me colocar frente a esse tema como professora branca.

7

FALAR, ESCUTAR E COLOCAR PONTOS DE INTERROGAÇÃO

Busquei sensibilizar os alunos para a compreensão de eventos históricos enquanto processo iniciado no passado, vivenciado no presente e com forte influência no futuro. Fiz questionamentos que lhes possibilitariam identificar o racismo estrutural na sociedade brasileira, tais como: “Você percebe o racismo aqui no Brasil? Onde? De que jeito?”. Após as perguntas, um silêncio instalou-se na sala de aula até que foi rompido por um e outro estudante que respondeu: *“O racismo está em todos os lugares!”*. Em seguida, diferentes estudantes passaram a citar lugares onde eles identificavam que existia racismo: *“no ônibus, na rua, na escola, no trabalho”*. Alguns relataram situações em que presenciaram uma pessoa sofrendo racismo. Nesse momento de debate, nenhum(a) estudante compartilhou uma situação narrando-a em primeira pessoa. A estudante Alice, que havia gravado a sua fala sobre a sua história de vida e sobre o racismo ficou em silêncio. Um aluno branco disse que nunca havia presenciado alguém sofrendo racismo, então uma aluna negra disse: *“isso porque tu é branco!”*

Enseñar, formarse, teorizar

Fiquei observando a movimentação que marcou o fim dessa aula. O tempo de aula passou rápido, a sensação foi de que não houve tempo suficiente para problematizar as falas e os silêncios, a fim de pensar, junto aos estudantes, sobre o racismo como uma questão que envolve as relações entre brancos e negros. Jorge Larrosa⁴, filósofo da educação ao qual tenho recorrido como inspiração para refletir acerca do ofício do professor, promove uma reflexão interessante sobre o tempo e a temporalidade na sala de aula. Muitas vezes temos a impressão de que não há tempo, de que estamos sempre correndo contra o tempo. Tudo é fracionado e interrompido. Nunca se permite verdadeiramente dar tempo ao tempo, possibilitando que exista o tempo de errar, o tempo de pensar, o tempo de acertar, o tempo para fazer novamente. Mesmo que, atualmente, alguns modelos escolares prezem pelos resultados, para o autor, a tarefa da escola ainda continua a de ser "um local onde se pare o movimento acelerado, perpétuo e agitado". (LARROSA, 2016)

Na aula seguinte, utilizei como ponto de partida a frase expressa por alguns estudantes na última aula, "*O racismo está em todos os lugares*", para iniciar uma discussão sobre racismo estrutural. Escolhi esta frase citada por alguns estudantes porque ela sintetizava a ideia do conceito de racismo estrutural que eu queria aprofundar com a turma. A partir daí foi apresentado o vídeo *Você sabe o que é o racismo?*, feito por diversos intelectuais negros⁵. As relações produzidas ao longo da discussão permitiram-me concluir que, conforme também afirma Djamila Ribeiro, "o racismo no Brasil tem as suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, confunde todos os brasileiros, vítimas ou não vítimas do racismo" (RIBEIRO, 2019, p. 17). A mesma autora indica que, para que se compreenda as questões raciais no Brasil, é necessário que seja feito um debate estrutural. Além disso, é essencial que se exponha a perspectiva histórica, começando pela compreensão da relação entre a escravidão e o racismo. Além de mapear as consequências desses fatos, a autora indica que é importante, também, pensar nos benefícios econômicos que esse sistema proporcionou à população branca ao longo da história ao mesmo tempo em que a população negra era tratada como mercadoria e não tinha acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas (RIBEIRO, 2019, p. 9).

⁴ Documentário O de Ofício de Professor – Abecedário de Educação com Jorge Larrosa Bondía. Direção: Adriana Fresquet, Grupo Cinead da Faculdade de Educação da UFRJ. Brasil, 2016. 70 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5FtY1psRoS4> Acesso em 14 set 2020.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dU-hqu7aqj4&t=28s>.

Enseñar, formarse, teorizar

Pensando nesses aspectos, indaguei aos alunos: “por que existe um Movimento Negro?”. De acordo com Djamila Ribeiro (2019), há muito tempo esse movimento busca debater o racismo, observando-o como a base das relações sociais estabelecidas e como a raiz das desigualdades e dos abismos. A autora pontua o racismo como uma questão que não é apenas um “simples ato da vontade de um indivíduo”, mas também um “sistema de opressão que nega direitos” (RIBEIRO, 2019, p. 9).

Quem deseja entender o mundo historicamente sempre pensa em processos sociais, tendo em vista que não é possível excluir nada que foi vivenciado, não é possível apagar, superar ou suprimir nada do que aconteceu. A História é uma construção, feita de sujeitos, por isso a decisão de trabalhar com Literatura e História, pois falar do sujeito torna a História viva, e um contexto histórico ausente de sujeitos é uma História árida.

Um outro conceito que é importante neste contexto é o da branquitude. Apenas recentemente me confrontei com este termo e impactada ao refletir sobre a impossibilidade de combater o racismo sem chamar o branco à sua responsabilidade e, além disso, fui provocada pelo questionamento apresentado pela palestrante Tanara Forte Furado⁶: “Que implicações os brancos têm com a atualização e a manutenção do racismo?”. Percebi que eu, como professora de História, branca, que propôs um trabalho que tem como foco as relações étnico-raciais, excluí-me do processo de repensar o meu lugar na sociedade e estava apenas focada nos meus alunos. O trabalho investigativo do mestrado abriu-me a possibilidade de aprofundar essa temática, incluindo-me no processo de educação das relações étnico-raciais.

O que me move enquanto professora de História é a possibilidade de provocar reflexões por parte dos estudantes e de reaproximá-los dos seus antepassados e da História social do seu país. Nesse sentido, também busco, na minha prática docente, ampliar meu horizonte de expectativas como professora branca, assim como o dos meus alunos, porque educar-se nas relações étnico-raciais é uma prática que ajuda a humanizar as relações e que contribui na formação de cidadãos autônomos e responsáveis. Trata-se de pensar o caráter ético do ensino de História ao longo do processo de construção de si como sujeito de um olhar, uma visão de mundo, e isso dá sentido à educação das relações étnico-raciais (PEREIRA; PAIM, 2018).

⁶ Coordenadora Adjunta do Curso UNIAFRO/UFRGS e do Programa de Extensão Diálogos sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais e a Educação Básica. Doutoranda do PPGedu-UFRGS.

Enseñar, formarse, teorizar

Nesse sentido, busquei aprofundar minhas leituras sobre o movimento negro e de autoras negras do campo do pensamento afrodiaspórico brasileiro para ampliar a compreensão dos avanços e limites da educação para as relações étnico-raciais. A Professora Nilma Lino Gomes, em seus estudos, traz importantes contribuições ao pontuar o desafio do campo da educação em construir pedagogias da diversidade como produto do “processo de emancipação e superação sociorracial no Brasil.” (GOMES, 2017 p.134) A pesquisadora traz para o debate o reconhecimento do Movimento Negro como ator político na “construção de outra interpretação histórica para se compreender a realidade da população negra e sua relação com a diáspora”. (GOMES, 2017 p. 26)

Nilma Lino Gomes afirma que a presença do Movimento Negro, mesmo com suas tensões, limitações e desafios, contribuiu muito para as discussões sobre a questão racial e africana no Brasil atualmente. Sem as ações desse movimento, muito do que foi produzido de forma crítica e emancipatória acerca desses aspectos não teria sido construído, assim como as políticas de promoção de igualdade racial.

A história da escravidão não termina com um contrato e com uma assinatura. Isso marca um momento. O romance histórico de Yaa Gyasi buscou dimensionar o impacto da escravidão na vida dos sujeitos ao longo de oito gerações. Assim, busco, a partir da Literatura, mostrar como as gerações narradas são afetadas pela escravidão e pelo racismo mesmo após o seu término.

PARA CONTINUAR PENSANDO...

Considerando a escola como um espaço em que os saberes são produzidos a partir das relações entre as pessoas, e não apenas partindo-se do campo das ideias, MEINERZ, CAIMI e OLIVEIRA (2018) definem a sala de aula de História como um lugar que, alicerçado nas relações entre os indivíduos que dele fazem parte, proporciona o encontro, e, assim, a vida. As autoras estabelecem a mesma relação fazendo uma analogia com a função do livro didático, o qual é um recurso em que o que consta nele são apenas ideias, mas o que se faz com ele no espaço da escola é vida. Do mesmo modo, a escola em si não é unicamente um espaço para a transmissão de conhecimento, mas, para além disso, proporciona a sociabilidade entre os indivíduos. (MEINERZ; CAIMI; OLIVEIRA, 2018, p.59)

Nesse sentido, a educação para as relações étnico-raciais, nas palavras de MEINERZ,

Enseñar, formarse, teorizar

CAIMI e OLIVEIRA (2018), “desestabiliza não apenas o currículo a ser ensinado do ponto de vista do conteúdo histórico”, pois redireciona a educação no que tange às interações sociorraciais promovidas na escola, transformando o currículo. Ao indagar a história já ensinada, a educação para as relações étnico-raciais “também desafia a uma posição ética e política diante das relações racistas e racializadas no cotidiano escolar” (MEINERZ; CAIMI; OLIVEIRA, 2018, p.66).

Pensar a escola como um espaço de encontro e de relações ressalta a importância de uma professora refletir sobre as relações que ela estabelece com os estudantes e entre eles. Neste trabalho evidenciou-se para mim a urgência de rever o ensino de História. Se os conteúdos mantêm-se apenas no passado, os alunos restringem-se a reproduzir o que é falado em sala de aula e o que está escrito nos livros didáticos, para esquecer tudo logo em seguida. Se o ensino parte do presente, problematizando os assuntos abordados com temáticas atuais e significativas para os estudantes, então acontece educação.

No momento presente, confrontamo-nos continuamente com assassinatos de jovens negros tanto no Brasil como nos Estados Unidos. Por isso, torna-se urgente abordar o assunto no espaço escolar, aprofundando reflexões acerca do racismo, da opressão e dos privilégios na sociedade brasileira em diferentes tempos, fazendo com que todos – professores e alunos – possam repensar o próprio presente a partir do passado, observando-o de modo crítico e analítico.

11

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 9 jan. 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, 2004.
- CERRI, Luis F. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da Didática da História. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 93-112, 2001.
- GOODMAN, Louise Marie. **Gyasi, Yaa. Homegoing**. New York: Knopf, 2016. Revista

Enseñar, formarse, teorizar

Em Tese Belo Horizonte V.22, nº3. 2016. p.337-340. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/11641> Acesso em: 25 maio 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GYASI, Yaa. **O Caminho de Casa.** Tradução de Waldéa Barcellos. 1. ed. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 2017.

LARROSA, Jorge. Documentário O de Ofício de Professor – Abecedário de Educação com Jorge Larrosa Bondía. Direção: Adriana Fresquet, Grupo Cinead da Faculdade de Educação da UFRJ. Brasil, 2016. 70 min. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=5FtY1psRoS4> Acesso em 14 set 2020

MEINERZ, Carla; CAIMI, Flávia Eloiza; OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. [O improvável na aula de Históriasociabilidades, racialidades e modos de estar junto na escola. Pedagógica: Revista do programa de Pós-graduação em Educação - PP-GE](#), ISSN-e 1984-1566, [Vol. 20, Nº. 45, 2018](#), págs. 53-72

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de História: entre saberes e práticas.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PAGES, Joan. **La educación política y la enseñanza de la actualidad en una sociedad democrática.** En Educacao em foco. Consciencia do Mundo Histórico Social: caminhos investigativos. Editora UFJF. p.17-35, 2015.

PEREIRA, Nilton Mullet; PAIM, Alison Antonio. Para pensar o ensino de história e os passados sensíveis: contribuições do pensamento Decolonial. **Revista Educação e Filosofia**, v. 32, n. 66 set.-dez.- 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v32n66a2018-11>. Acesso em: 23 set. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

SEFFNER, Fernando. **Três territórios a compreender, um bem precioso a defender: estratégias escolares e Ensino de História em tempos turbulentos.** In: MONTEIRO, Ana Maria; RALEJO, Adriana. (orgs) Cartografia da Pesquisa em Ensino de História. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.